

Índice

Introdução

por Ricardo Mangerona 9

CÓRIDON

Prefácio [à terceira edição (definitiva)] — 1924. 35

Prefácio à segunda edição — 1920 39

Primeiro Diálogo. 41

Segundo Diálogo. 61

Terceiro Diálogo 107

Quarto Diálogo. 131

Notas do tradutor 153

Referências citadas nas notas finais. 177

Introdução

«Todo o pensamento francês destes últimos 30 anos, ainda que não o quisesse, quaisquer que fossem as suas outras coordenadas, Marx, Hegel, Kierkegaard, devia definir-se também em relação a Gide»⁽¹⁾, escreve Jean-Paul Sartre (1905–1980) em 1951, assinalando não a morte, mas a vida, a obra e a marca indelével que, não sem o desconforto de muitos, deixava então André Gide na paisagem cultural francesa. André Gide (1869–1951) é, com efeito, um dos escritores mais completos da literatura contemporânea. A sua obra multifacetada, distribuída entre o romance, a poesia, a dramaturgia, o ensaio e um importante acervo diarístico, percorre os principais temas e reflecte as mais prementes inquietações dos artistas em actividade no virar do século XIX para o século XX e ao longo da primeira metade deste último. Trata-se de um autor basilar no panorama global dos modernismos europeus, a par de Marcel Proust, James Joyce, Virginia Woolf ou, em Portugal, Fernando Pessoa⁽²⁾, José Régio ou Jorge de Sena. No entanto,

(1) «*Toute la pensée française de ces trente dernières années, qu'elle le voulût ou non, quelles que fussent par ailleurs ses autres coordonnées, Marx, Hegel, Kierkegaard, devait se définir aussi par rapport à Gide*» (Sartre, 1951).

(2) Que nunca terá lido Gide, pelo menos até Dezembro de 1931, segundo admite a João Gaspar Simões (*v.* Simões, 1957).

até ao momento, o contacto da cultura portuguesa com a obra gidiana continua parco, encontrando-se poucos trabalhos do seu vasto espólio traduzidos e editados em Portugal, alguns já fora de circulação há largas décadas.

Herdeiro da escola simbolista finissecular, afim de Maurice Maeterlinck (1862–1949), por exemplo, Gide manifesta, todavia, desde cedo a vontade de romper paradigmas teórico-académicos, almejando um estilo idiossincrático através do qual dá conta, e de forma certa, não só de angústias metafísicas intemporais mas também das principais vicissitudes da (sua) actualidade política e social. O desassossego íntimo, proporcionado em grande parte pela sua orientação homossexual, em contraste com a educação protestante que recebera no seio de uma família burguesa e conservadora, soleva interrogações de ordem existencial que atravessam cada um dos seus escritos. Desde o primeiro volume publicado, *Les Cahiers d'André Walter* (1891), um quase-romance fragmentário comparável, e antecipando-o em muitos aspectos, ao de Bernardo Soares, são abordadas questões como o desacordo obsidiante entre o espírito, etéreo, ideal como o de Antero, e o peso da carne inevitável; a inocência da infância e a volatilidade do tempo; a assombração da memória e a heteroclise do eu, estilizado em múltiplas verdades contraditórias e sequioso de, como refere Álvaro de Campos, «sentir tudo de todas as maneiras» — questões, enfim, que firmam desde logo a constelação de problemáticas presentes no decurso da carreira do autor.

Outros marcos desse percurso são as prosas poéticas de *Les Nourritures Terrestres* (1897), novelas como *L'immoraliste* (1902) e *La Porte Étroite* (1909), sotias como *Les Caves du Vatican* (1925), as suas memórias em *Si le Grain de Meurt* (1921), o *magnum opus* romanesco *Les Faux-monnayeurs*

(1925) e ainda livros de viagens, como *Voyage au Congo* (1927) e *Retour de l'U.R.S.S.* (1936), além de diversas antologias poéticas e dramatúrgicas.

Como se pode depreender de alguns destes títulos, a escrita de Gide reveste-se de uma dimensão ética e de um espírito de missão de que resulta a manifesta vontade de incomodar. Polémico, sem dúvida, mas também fiel à verdade e, sobretudo, fiel, tal como Montaigne, à sua própria natureza, é com coragem (*verdade e coragem* são duas palavras-chave na sua obra) que sacode vários dogmas norteadores da classe intelectual do seu tempo. Envolvido na fundação da muito influente, até hoje, *La Nouvelle Revue Française* (editada desde 1909), Gide nunca recusou uma boa discussão, envolvendo-se em debates públicos muito além do domínio puramente literário, como os que tratavam a colonização francesa em África, por onde viajou várias vezes, ou a evolução do regime comunista na Europa de Leste. Em 1947, é-lhe atribuído o prémio Nobel «pelos seus escritos diversificados e artisticamente significativos, nos quais os problemas humanos e as suas condições são apresentados com destemido amor pela verdade e com um apurado discernimento psicológico.»⁽³⁾

Particularmente importante, senão axial, na fomentação desta obra proteiforme e, no entanto, coerente na sua multitudine caleidoscópica, é a orientação homossexual do autor. Apesar de casado, desde 1895, com a sua prima Madeleine Rondeaux, por quem nutre desde cedo um amor fraterno intenso, Gide leva uma vida amorosa rica e atribulada. As múltiplas

⁽³⁾ «[F]or his comprehensive and artistically significant writings, in which human problems and conditions have been presented with a fearless love of truth and keen psychological insight» (The Nobel Prize, 1947).

viagens que empreende, nomeadamente a Inglaterra e ao norte de África, onde chega a encontrar Oscar Wilde, providenciam ocasiões para novas vivências que o persuadem da sua homossexualidade, o que não o impedirá de ter uma filha, Catherine, de uma relação extraconjugal, em 1923. Muito mais do que um detalhe acidental na sua biografia e na constituição de uma personalidade *sui generis*, de tendência inconformista, subversiva, mas sempre acautelada pela razão soberana, por princípios morais inabaláveis e por sólidas bases científicas, a homossexualidade é elevada pelo escritor ao digno estatuto de tema literário, abordado com sensibilidade de artista, sagacidade de erudito e a pertinácia exigida pela sociedade patriarcal e androcêntrica do seu tempo. É o tema que dá pretexto e forma a este *Córidon* (1924).

A obra consiste num ensaio dialogado, em moldes socráticos, em que se defende a homossexualidade dos pontos de vista biológico, histórico-cultural e sociológico, sem descuidar as suas implicações morais no contexto maioritariamente cristão e patriarcal que é o da Europa no início do século xx. Os quatro diálogos que compõem o pequeno volume correspondem a quatro dias consecutivos de conversa entre Córidon e aquele a quem chamaremos Narrador (posto que, mesmo tratando-se de um registo dialógico, não deixa de o ser na mediação do discurso directo). De carácter céptico e pouco flexível em relação à homossexualidade, mas ainda assim curioso e, acima de tudo, saturado das intrigas que pululam nos salões a respeito de personalidades homossexuais que enchem de escândalo as páginas dos jornais, é este Narrador quem toma a iniciativa de procurar Córidon, médico erudito, conhecido e assumido pederasta da alta sociedade parisiense, com quem frequentara o liceu dez anos antes, para que o esclareça em

definitivo sobre a matéria: O que é a homossexualidade? Como e por que razão se é homossexual? Não se violam, assim, as leis da natureza? E por que motivo parece esta tendência, contranatura e obscena, ter vindo a aumentar nos últimos anos? Com que consequências, senão a decadência moral da sociedade? — questões que permitem a Córdon ir pacientemente construindo a sua teoria (prepara até um livro sobre o assunto) de que a homossexualidade é, afinal, tanto quanto a heterossexualidade, um fenómeno *natural*, isto é, *inevitável* e até *necessário* no seio da natureza, à qual não escapa o homem.

O tema é, em toda a evidência, muito caro ao autor, e este não faz por escondê-lo, deixando a sua motivação pessoal de combater tabus e preconceitos bem clara nos prefácios com que introduziu as diferentes edições da obra, além de várias observações registadas em copiosos diários e correspondências. Activista *avant la lettre* pelo reconhecimento e integração dos homossexuais na sociedade, pioneiro nos estudos de género (v. Legrand, 2014), a muitas décadas de distância do Maio de 68, o autor não parece ter dúvidas de que a tarefa é arrojada, difícil — até revolucionária, se bem que de efeito retardante, cujos frutos só a madureza das mentalidades saberá produzir. Veja-se o que afirma no prefácio à edição norte-americana, 40 anos depois da concepção do projecto: «(...) que o *Córdon* seja o mais importante dos meus livros, é disso que continuo convencido; e convencido, igualmente, de que um dia virá em que se apercebam da sua importância.»⁽⁴⁾

⁽⁴⁾ «*Que Corydon soit le plus important de mes livres, c'est ce dont je reste convaincu; et convaincu de même qu'un jour viendra où l'on s'apercevra de son importance*» (Goulet, 2009: 171; passagem citada também em Goulet, 2014: 11).

Esta é uma ideia em várias ocasiões reiterada pelo escritor, a de que *Córidon*, apesar de evidentes limitações formais e conceptuais (não é, afinal, um volume de dimensões bíblicas, como outros dos seus escritos), torna patente um problema urgente que importa, no momento certo, escrutinar diante do público, porque é do público, justamente, inclusive do mais letrado, que o problema emerge — e o problema não é a homossexualidade, mas sim a ignorância a seu respeito e o preconceito que dela advém. A sexualidade, qualquer que seja a prática ou a orientação em que se manifeste, é, no tempo de Gide, um tabu generalizado. Se tem, desde sempre, o seu lugar nas artes, tem-no a título de concessão excepcional, cabendo aos pais, maridos e educadores vedarem o acesso dos jovens e das esposas honestas às obras consideradas licenciosas. O sexo, vício demoníaco, torna-se, assim, aquilo que todos sabem que existe, projectando a sua sombra fantasmática nos poemas ilícitos de Baudelaire e nos romances de Stendhal, Balzac ou Flaubert, sem que o grande público saiba ao certo em que consiste, por que razão existe e como funciona.

O problema não é exclusivamente francês, bem entendido, mas comum à civilização ocidental. Um artigo da autoria de uma norte-americana, Dora Forster, divulgado na revista *Ère Moderne* em 1906 e guardado por Gide no arquivo de preparação para *Córidon*, dá conta, preto no branco, desta cegueira selectiva das pessoas de cultura em matéria de sexualidade: «louva-se especialmente a jovem rapariga ou a mulher ignorante das coisas sexuais, sendo o seu estado de alma descrito com o qualitativo de inocente»⁽⁵⁾. A autora

⁽⁵⁾ «(...) [O]n loue spécialement la jeune fille ou la femme ignorante des choses sexuelles, son état d'âme étant décrit par le qualificatif innocent (...)» (*apud* Goulet, 2014: 109).

conta que, depois de uma petição a incentivar a publicação de mais obras científicas de teor sexual, surgiu no seu país uma série de edições que, em parte, respondia às necessidades intelectuais do público, «[m]as os autores desses livros acharam necessário conservarem intacto o dogma teológico de que o sexo é uma invenção diabólica (...). Ora, nós precisamos é de livros que discutam todos os factos sexuais tão explícita e completamente quanto possível (...).»⁽⁶⁾

Sobre a homossexualidade em concreto pouco se sabia, e o que se sabia passava necessariamente pelo crivo moral das convenções, assentes na família e no casamento heterossexual como paradigma de tradição histórica. Vista como desvio a esse modelo axiológico, a homossexualidade, em todas as suas formas, só se poderia afigurar como uma grotesca aberração, moralmente condenável e, em certas regiões e países europeus, como a Alemanha e o Reino Unido, punida por lei. Disso davam conta os jornais, que adensavam o estigma alimentando a opinião pública com reportagens sensacionalistas sobre personalidades mais ou menos célebres *apanhadas* em relações homossexuais. Além do conhecido processo de Oscar Wilde (1854–1900), amigo e mestre de Gide, condenado a dois anos de trabalhos forçados, foram vários os casos que se tornaram mediáticos em França: o empresário alemão Friedrich Alfred Krupp (1854–1902), acusado de actos de pederastia, suicidou-se, tal como o general britânico Hector MacDonald

⁽⁶⁾ «*Mais les auteurs de ces livres crurent nécessaire de conserver intact le dogme théologique que le sexe est une invention diabolique (...). Or, ce qu'il nous faut ce sont des livres qui discutent tous les faits sexuels aussi explicitement et aussi complètement que possible (...).*» (*Ibidem*).

(1853–1903). O caso de Philipp zu Eulenburg (1847–1921), conselheiro do imperador Guilherme II, que se envolve com um comandante militar de Berlim, escandaliza a opinião pública dos dois lados do Reno e gera grande instabilidade no seio do (já frágil) Império Alemão. Todos estes «casos», mencionados em *Córidon*, circularam em abundância, da imprensa aos salões, na sociedade que Gide frequentava. Deles deixou testemunho com profusão de recortes, comentários e correspondência no seu espólio pessoal (Goulet, 2009: 1188).

Cientificamente, é nesta época que começam a surgir as primeiras teses exclusivamente dedicadas ao estudo da homossexualidade. A sexologia é, de resto, uma disciplina recente, e a sensibilidade que o seu objecto exige não abona a uma divulgação alargada ao grande público leitor, limitando-se os primeiros trabalhos a circular nos meios clínico e académico, aptos a deslindar o jargão técnico de que normalmente se costumam. No entanto, algumas obras, manifestamente concebidas para uma mais ampla vulgarização da matéria, alcançam de imediato o favor do público internacional. Há os trabalhos de Freud (1856–1939), claro, mas também os de Albert Moll (1862–1939), que ganha renome em França com a tradução de *Die Konträre Sexualempfindung*⁽⁷⁾ (1891), «destinado a esclarecer e a fazer reflectir o médico, o polícia, o juiz de instrução, o advogado, o historiador, o psicólogo, o antropólogo, o sociólogo, o pedagogo e o legislador», como nota no prefácio (p. 11) o seu colega Richard von Krafft-Ebing (1840–1902). Este último, por sua vez, é autor de

(7) Publicado em França em 1893: *Les Perversions de l'instinct Génital. Étude sur l'inversion Sexuelle Basée sur des Documents Officiels*. (v. referências bibliográficas)

Psychopathia Sexualis (1886), inventário de anomalias sexuais, onde inclui a homossexualidade (Goulet, 2009: 1187). Se estas obras têm o mérito de, abertamente e num registo acessível, se debruçarem sobre a homossexualidade e preconizarem, até, o fim da criminalização de comportamentos homossexuais, isentando de qualquer culpa quem manifeste essa predisposição, partem, em contrapartida, da premissa de que a homossexualidade é uma anomalia fisiológica de difícil correcção. Ora, Gide, germanófilo de longa data, está bem inteirado destas publicações e não poupará críticas a esta tendência para a patologização da homossexualidade que, afinal, não vem, de maneira nenhuma, resolver o «seu» problema — ou seja, considerar a homossexualidade doença não é muito melhor do que considerá-la imoral.

Em França, tecnicamente, a homossexualidade não era crime, mas não deixaram de se registar alguns episódios polémicos. Talvez o mais badalado, e sem dúvida decisivo para a publicação de *Córidon* (Goulet, 2014: 20), tenha sido o de Pierre Renard, em 1909: empregado de Auguste Remy, personalidade do mundo das finanças, viu-se acusado do seu homicídio e condenado a trabalhos forçados com a única «prova» de ser «um monstro odioso e repugnante» (*ibidem*), isto é, homossexual. A analogia com o então recente «caso Dreyfus» é inevitável. Gide, além de abordar explicitamente o assunto no quarto diálogo, desabafa amargamente a sua angústia com o amigo Jean Schlumberger: «O processo de Renard deixa-me doente.»⁽⁸⁾

O «caso Renard» é a viva prova de que as obras de Moll e outras congéneres não são suficientes, e porventura serão antes

⁽⁸⁾ «*Le procès Renard me rend malade*» (*apud* Goulet, 2014: 20).

prejudiciais, para a *normalização* da homossexualidade que Gide propõe fazer. Não se trata, pois, de uma mera questão de intrigas e má-língua de salão; a ignorância e o preconceito tornam-se um problema demasiado sério quando provocam injustiças flagrantes, corrompendo a suposta imparcialidade do sistema judicial ou levando as potenciais vítimas de discriminação a uma vida de fachada e clandestinidade, ou até mesmo ao suicídio. Por isso, Gide deixou a sua obra maturar largos anos antes de ousar dá-la à estampa, cioso de alcançar com um texto cuidado até ao preciosismo (como, aliás, é habitual em todos os seus escritos), resultado de uma investigação habitual em todos os seus escritos), resultado de uma investigação particularmente minuciosa, o nervo de uma audiência dura, por de mais acomodada ao *statu quo* heterossexual, machista e patriarcal, e para a qual a homofobia é lei.

Com efeito, um inquérito realizado pelos editores da revista *Marges*, em 1926, e que procurava apurar as opiniões de diversas personalidades do mundo das letras (romancistas, críticos, jornalistas) a respeito da homossexualidade na literatura da época, é revelador do pensamento dominante na classe intelectual. O inquérito surge na sequência da publicação de *Córidon* (1924), mas também de *Sodoma e Gomorra* (1921–1922), de Proust, e ainda de *Les Faux-monnayeurs* (1925), a gota de água para o crítico Paul Souday, que protesta na sua recensão ao romance de Gide: «Realmente, isto está a tornar-se insuportável, sobretudo com aquele tom sério e aquele sentimentalismo sonso.»⁽⁹⁾ Veja-se, por exemplo, a

⁽⁹⁾ «Vraiment, cela devient insupportable, surtout avec ce sérieux et cette fade sentimentalité» ((*Le Temps*, 4 de Fevereiro de 1926, *apud* Goulet, 2014: 136).

resposta ao dito inquérito que propõe Henri Barbusse, destacado líder comunista e cultural: «Julgo que essa perversão de um instinto natural, como muitas outras perversões, é um indício da profunda decadência social e moral de uma certa parte da sociedade actual»⁽¹⁰⁾; ou esta pérola do escritor Charles Derennes: «Não reparei no desenvolvimento da homossexualidade desde a guerra (...) *na literatura*, porque todo o livro em que se trate disso é por mim imediatamente destruído. (...) Não há qualquer razão para tolerar os pederastas e as lésbicas, sobretudo em caso de ostentação, de pose e de excitação pelo exemplo. O chicote e o *hard-labour!* Que querem, eu gosto de mulheres...»⁽¹¹⁾; ou ainda esta, do jornalista Georges Maurevert, no mesmo nível de elegância: «Quando a França voltar a ser o que deve — com a ajuda de um Homem e um pau! —, esses maus costumes desaparecerão por si sós. (...) Vão ver se na Itália de hoje — a Itália, clássico país da homossexualidade — se atrevem a falar abertamente, como em França, de tribades e pederastas!... O Homem e o pau chegaram.»⁽¹²⁾

⁽¹⁰⁾ «*J'estime que cette perversion d'un instinct naturel, comme bien d'autres perversions, est un indice de la profonde décadence sociale et morale d'une certaine partie de la société actuelle*» (*idem*: 137).

⁽¹¹⁾ «*Je n'ai rien remarqué du développement de l'homosexualité depuis la guerre (...) [en] littérature, parce que tout livre où il est question de cela est par moi immédiatement détruit. (...) Aucune raison de tolérer les pédérastes et les lesbiennes, surtout en cas d'ostentation, de pose, et d'excitation par l'exemple. Le fouet et le hard-labour! Que voulez-vous, j'aime les femmes...*» (*idem*: 140).

⁽¹²⁾ «*Quand la France sera redevenue ce qu'elle doit être — à l'aide d'un Homme et d'une trique! —, ces mauvaises mœurs disparaîtront d'elles-mêmes. (...) Allez donc voir si dans l'Italie d'aujourd'hui — l'Italie, pays classique de l'homosexualité — on ose ouvertement parler, comme en*

As respostas a este inquérito sugerem, pois, além da tenacidade do preconceito, uma assimilação muito parcial e deficiente do conhecimento científico divulgado na época — já de si, como vimos, pouco convincente na reabilitação social do homossexual, uma vez que o vitimiza às mãos de uma maleita psíquica ou fisiológica, limitando-se a *dissecá-lo*, a fim de compreender os mecanismos da «perturbação». De resto, a confusão é total ao nível da terminologia: termos como «pederasta», «uranista» e «invertido» passam frequentemente por sinónimos de «homossexual», no caso masculino (aquele que é abordado em *Córidon*), e reflectem muitas vezes, por conotação, noções pejorativas como a de «maníaco», «pervertido» ou «sodomita». Para Gide, esta diversidade de termos para designar a homossexualidade é sintomática de uma diversidade de práticas, orientações e comportamentos que se verificam no seio da sexualidade em geral, e, deste modo, no seio da homossexualidade como orientação particular, ainda assim genérica, no campo da sexualidade. A ideia-chave, patente na abertura dos diálogos, é a de que a homossexualidade, *tal como a heterossexualidade*, tem os seus vícios, taras e manias, mas que, regra geral, e *tal como a heterossexualidade*, é saudável e normal.

Para o provar, há que preparar de antemão o seu discurso, sabendo bem que a hostilidade da recepção será inevitável. A longa gestação e o difícil parto, «a fórceps», no dizer de Alain Goulet (2014: 15), do *Córidon* que conhecemos como

France, de tribades et de pédérastes!... L'Homme et la trique sont venus» (*idem*: 144–145; recorde-se que, em 1926, é da Itália de Mussolini que se trata).

definitivo, o de 1924⁽¹³⁾, deve-se, pois, às muitas precauções que Gide tomou para, sem comprometer a carga ética do seu trabalho de escritor, e abordando o tema com a seriedade devida, fazê-lo num momento adequado e articulando um manancial de informação teórica bem assimilada à sua própria experiência pessoal. Discípulo de Montaigne, Gide faz da sua escrita intimista um tubo de ensaio humanístico no fundo do qual, de modo precipitado, digamos, resultante do exercício introspectivo, se deposita a verdade de si próprio, enquanto *homem* — a verdade que sempre escapa às mais avançadas técnicas de observação empírica e especulação filosófica.

A concepção de *Córidon* terá começado com a leitura do livro de Moll, que coincidiu, sensivelmente, com o traumático processo de Wilde, por volta de 1895 (Goulet, 2014: 19), mas terá sido na segunda metade da década de 1900, aquando dos casos MacDonald, Eulenburg e Renard, que o escritor arregaçou as mangas e deu ordem às múltiplas notas que vinha então acumulando (*idem*: 20). Em 1911, dá à estampa uma primeira e exclusivíssima edição, incompleta (constituída apenas pelos dois primeiros diálogos e parte do terceiro), numa tiragem de 12 exemplares que terá mostrado a alguns amigos, antes de os relegar para o fundo de uma gaveta (*ibidem*). Esta pseudo-publicação, anónima e misteriosamente intitulada *C.R.D.N.*, não chegou ao circuito comercial até há bem pouco tempo: deve-se a Alain Goulet, um dos principais estudiosos da obra gidiana e editor de *Córidon* na distinta colecção Pléiade, a sua publicação em 2014.

Este *C.R.D.N.*, mal recebido no círculo íntimo do autor, como se verá no prefácio de 1924, fica depois suspenso, na

(13) E que serve de fonte para a tradução que aqui se propõe.

prática, durante quase dez anos, período indispensável de crescimento pessoal em que se firmam cada vez mais no autor, através das múltiplas vivências da sua homossexualidade, as convicções que o haviam levado a encetar esta «defesa da pederastia» (v. «Primeiro diálogo»). Casado com Madeleine Rondeaux, sua prima, venerada desde a infância num amor quase platónico (de que dão conta *Les Cahiers d'André Walter*), a sua libertação plena do espartilho das convenções e expectativas sociais dá-se quando, em 1918, esta o surpreende numa das suas relações extraconjugais e queima todas as suas cartas. Gide, assumindo de uma vez por todas a sua orientação sexual, decide que é tempo de retomar os diálogos de *Córidon*, completando o volume com o terceiro e o quarto diálogos e efectuando modificações diversas no texto daqueles primeiros 12 exemplares de *C.R.D.N.* (Goulet, 2014: 21). Em Agosto de 1922, escreveu no seu diário esta passagem:

Já esperei muito tempo. Quis ter a certeza de que aquilo que avançava em *Córidon* [i.e., em *C.R.D.N.*, 1911], que me parecia aventuroso, talvez, não ia ter de renegar em breve. Mas as minhas ideias aqui só se firmaram, e o que reprovo agora ao meu livro é a sua prudência e timidez. Dez anos passaram; tenho agora mais confiança. Exemplos, argumentos novos, testemunhos, tudo veio corroborar as minhas teorias. O que pensava ontem, penso-o ainda mais hoje (...).⁽¹⁴⁾

⁽¹⁴⁾ «*J'ai longtemps attendu. Je voulais être sûr que ce que j'avancais dans Corydon, qui me semblait aventuré peut-être, je n'allais pas devoir le renier bientôt. Mais ma pensée n'a fait que s'affermir, et ce que je reproche à présent à mon livre, c'est sa prudence et sa timidité. Dix ans ont passé; j'ai pris plus d'assurance. Exemples, arguments nouveaux, témoignages, tout est venu corroborer mes théories. Ce que je pensais*

Alain Goulet identifica cinco momentos fundamentais na fortuna editorial da obra, a saber: 1) a dita pseudo-publicação de *C.R.D.N.* de 1911; 2) depois, em 1912, um primeiro trabalho de revisão e anotação sobre um daqueles 12 exemplares, que permaneceu, no entanto, inédito no arquivo pessoal do autor; 3) uma nova impressão exclusiva e anónima, em 1920, desta feita de 21 exemplares, já com o título *Corydon* e os quatro diálogos completos; 4) em 1924, finalmente, a edição de referência, com o texto revisto (considerado definitivo), assumida pelo autor com uma tiragem de 5000 exemplares; 5) e ainda uma última edição revista, publicada em 1935, incluída nas *Œuvres Complètes d'André Gide*, pela chancela da *La Nouvelle Revue Française*. Esta última compreende os prefácios às edições de 1920 e 1924, bem como uma série de apêndices, que incluem uma amostra de correspondência com François Porché e Léon Kochnitzky, e uma comovente carta endereçada a Gide por um jovem estudante homossexual que procura junto do autor de *Córidon* conselhos para lidar com as suas angústias (*idem*: 25–27).

A carta deste jovem ilustra bem a urgência de uma obra como *Córidon* no panorama cultural da época. Gide estava consciente da sua necessidade, tanto mais que, um ano depois de experimentar uma nova impressão dos diálogos, a de 1920, aparece nos escaparates o quarto volume de *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Proust (1871–1922), com o título, *Sodoma e Gomorra*, a prometer o escândalo que, com efeito, causou. Gide criticou duramente o amigo, com quem muito conversara a propósito da homossexualidade de ambos,

hier, je le pense plus fort aujourd'hui (...).» (*apud* Goulet, 2014: 21). A ideia é retomada no Prefácio à edição de 1924.

ao deparar-se com a representação do homossexual como «homem-mulher» na figura de Charlus, personagem daquele romance. É essa mesma ideia estereotipada do uranismo como mera inversão sexual ou efeminação, não isenta de ridículo e patetismo, que se propõe rebater em *Córidon*. De resto, terá sido este livro de Proust o derradeiro catalisador a precipitar a publicação comercial dos diálogos em 1924 (Goulet, 2014: 180–188).

Daí também a importância que Gide atribui a «este livrinho» (*v.* prefácios) no panorama geral da sua obra: é, sem dúvida, o livro mais pensado, o que mais pesquisa exigiu e o que mais impacto se esperava que causasse, não pelo gosto gratuito da polémica, mas sim pela missão ética que sempre orientou a sua escrita. É, por isso, pertinente a escolha do diálogo, como género, para veicular a sua teoria. Sem ser dos mais celebrados, o diálogo nunca esteve realmente fora de moda, chegando a ser praticado na era contemporânea, nomeadamente por Oscar Wilde, Fernando Pessoa ou Paul Valéry. O modelo, como é consabido, é herdado da filosofia clássica, com os diálogos de Platão a servirem, naturalmente, de exemplo máximo, mas extravasa aqui o domínio filosófico⁽¹⁵⁾, prestando-se, pela carga dramática inerente à *enenação*, a expor não tanto um conceito abstracto, como a justiça na *República*, mas um raciocínio que não deixa de ser complexo nas múltiplas componentes que abarca, desde a história natural à cultura helénica, da pedagogia à sociedade

(15) Compreende-se, pois, alguma hesitação quando se trata de classificar esta obra quanto ao género: um diálogo, sim, admitindo o diálogo como género; filosófico, nem por isso, mas sem dúvida ensaístico. Mais difícil é concebê-la como romance, como faz o editor norte-americano, ao acoplar ao título a rubrica *a novel...* (Howard, 1950).

industrial e ao culto da aparência que nela prolifera e que caracteriza o tempo do autor. O diálogo, um completo artifício desde o princípio, ficciona um cenário de pretensão equilíbrio, simulacro de um pé de igualdade que promove a abertura de um consenso, ou um campo de ideias comum às duas partes, que se encontram em permanente tensão.

Não é, portanto, inocente que, para equilibrar o escrutínio da sua própria orientação sexual, para recriar uma aparência de imparcialidade, Gide ponha em cena um interlocutor de peso para Córídon. Da mesma idade, com o mesmo grau de instrução que o seu anfitrião, pertencente à mesma burguesia boémia e cosmopolita, *mas* conservador, no limite do intransigente, o Narrador consubstancia o conjunto de preconceitos que fazem a opinião pública, o senso comum, apresentados sob a forma de razão convencional. Ele é a sociedade em pessoa. Tem, contudo, a sua própria biografia, o seu carácter e uma densidade psicológica (ainda mais vincada na edição de 1911) que o faz, um pouco como o clássico sofista, defender até ao final os mesmos valores homofóbicos, apesar de evidenciar uma certa abertura de espírito e a mínima curiosidade científica que falta sempre na argumentação dos *bons velhos costumes* — mas é nele, nas suas perguntas e provocações, que o argumento de Córídon se sustém e se eleva audaciosamente a teoria. É de uma importância assinalável que parta deste Narrador a indulgência da entrevista, que se prontifique, aquele que ignora, a estabelecer o *diálogo*. Além disso, a vaga relação de amizade que os dois mantêm permite que, num registo semiformal, como é o da conversa entre dois cavalheiros, as ideias, graves apesar de alguma ironia pontual, possam fluir com uma certa ligeireza num discurso mais ou menos coloquial.

Quanto a Córidon, a personagem, é igualmente significativo apresentá-lo como médico: homem de ciência, com um currículo brilhante, de inteligência inatacável — como pode, desgosta-se o seu interlocutor, um sujeito de imaculada integridade dar-se aos costumes uranistas de que é reputado na sociedade parisiense? Ora, afigura-se, em contrapartida, o informador ideal para as suas dúvidas. O Narrador, seu antigo colega de escola, rompera relações com ele quando começava a circular nos meandros da má-língua a sua fama de pederasta, indissociável da de perverso, depravado e efeminado. Dez anos se passaram desde os tempos do liceu, e é com surpresa que o Narrador, arredado de quem julga extraviado do bom caminho, vem encontrar em Córidon o exemplo inconcebível de um uranista *normal*, sem nenhum daqueles sinais tipicamente associados à homossexualidade masculina.

O nome do protagonista, respigado das écloas de Virgílio (sobretudo da écloa II), é o de um pastor apaixonado pelo mancebo Aléxis. A personagem mítica é retomada por vários poetas renascentistas, inclusivamente Camões, sendo que o seu carácter homossexual não tende a fazer tradição: na écloa camoniana (XIII), Aléxis cede o lugar a Fílis, e é esta, mais ao gosto das cantigas de amigo, quem evoca o amigo ausente, Córidon. A escolha deste nome para a personagem e para título da obra de Gide funciona, de certo modo, como um manifesto: Gide compromete-se, assim, a reabilitar a personagem virgiliana com esse traço que os séculos de hegemonia heterossexual, mais ou menos deliberadamente, apagaram — em grande medida, propõe-se restaurar a *verdade*.

O primeiro diálogo, aliás, firma desde logo o tom da conversa, que decorrerá sob os signos de Miguel Ângelo e

Walt Whitman, artistas cuja homossexualidade foi, durante séculos no caso do primeiro, camuflada por biógrafos e tradutores que expurgaram das suas obras qualquer alusão ao amor masculino. Serve esse primeiro diálogo justamente para preparar o terreno, fazer o ponto da situação e introduzir com as necessárias precauções oratórias o tema do debate e a ideia axial à teoria de Córídon (a normalidade da homossexualidade) que governará os três diálogos seguintes: do ponto de vista biológico, no segundo diálogo, onde se analisa a ocorrência do fenómeno, e com que causas e consequências, no mundo animal; no plano histórico-cultural, no terceiro diálogo, onde se averigua o modo como a homossexualidade humana foi encarada em diversas civilizações ao longo dos séculos; por fim, a um nível sociológico, no quarto diálogo, onde se discutem as implicações morais da homossexualidade, e se serão assim tão danosas, na sociedade contemporânea.

Se o resultado não é perfeito, o autor consegue com este quadro teórico cobrir a problemática de três ângulos inovadores, o que, tendo em conta as ferramentas epistemológicas de que dispunha, numa época muito anterior à revolução sexual e cultural da década de 1960, é, no mínimo, notável. Peca, isso é certo, por ocasionais escolhas menos felizes na formulação do discurso (sabe-o o autor melhor do que ninguém, acusando-se de demasiada ironia e leviandade quando o assunto requeria maior assertividade); também pelas limitações que, por vezes, o registo dialógico parece impor a uma explanação que se quer mais detalhada e exaustiva; e, acima de tudo, por deixar completamente fora da sua teoria a homossexualidade feminina, o que lhe valeu justas críticas, por exemplo, de Marguerite Yourcenar (1903–1987) (Goulet, 2014: 2018).

Acertou, porém, no essencial. Já em 1949, Frank Beach, antropólogo e etólogo da Universidade de Yale, no posfácio à primeira edição norte-americana de *Córidon*, validava a ideia global da obra à luz dos novos avanços da ciência biológica (Goulet, 2014: 206–211). Gide chegou mesmo a antecipar uma hipótese que só muito recentemente começou a ser levada a sério pela zoologia: a de que a homossexualidade, longe de anómala ou desviante, como sempre tem sido reportada pelos naturalistas, cobre um conjunto variado de comportamentos que são parte integrante, e fundamental, da vida sexual de muitas mais espécies animais do que se pensava (1500 atestadas; na prática, serão, sem dúvida, mais — *v. Daugey, 2017: 12*).

Antes de Beauvoir ou de Foucault, muito antes dos primeiros movimentos LGBT e da liberdade sexual que, pelo menos em teoria, existem na Europa de hoje, Gide deu um passo importante na desmistificação de um fenómeno que, afinal, faz e sempre fez parte da natureza, da qual faz e sempre fez parte o homem — desmistificação crucial numa sociedade, a sua e a nossa, que propala em todas as ocasiões valores humanistas como a igualdade e a liberdade. Em 2021, a homossexualidade é ainda um fenómeno mal compreendido, pelo que a leitura desta obra, escrita há um século, continua a ter nos nossos dias a mesma urgência. *Córidon*, mais do que ao nicho de uma biblioteca LGBT ou à fileira académica dos estudos de género, pertence à literatura e ao saber universais, pelo gosto do conhecimento que promove e pelo exercício intelectual de pensar a vida e o mundo.

RICARDO MANGERONA